

Arte em ambientes não escolares: um estudo a partir de experiências artísticas na cidade de Santo André

Kamila Lopes Garcia^a

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7669-2021>

Raquel Alves Rodrigues^b

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1862-6365>

Virgínia Laís de Souza^c

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5930-4373>

Resumo: O artigo é resultado de um levantamento realizado na cidade de Santo André/SP, entre 2019 e 2020. O estudo visava mapear trabalhos artísticos oferecidos na cidade, considerando as quatro linguagens obrigatórias presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/1996): dança, teatro, música e artes visuais. Nosso interesse era analisar como essas linguagens são apresentadas ao público infantil nos equipamentos culturais e de educação não formal. Trata-se de espaços que conseguem ampliar os conhecimentos sobre artes, além de fomentar o hábito da apreciação artística – como é o caso do Sesc Santo André, especialmente por manter a regularidade nas apresentações. Para embasar nosso estudo, utilizamos autores como Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg e Jorge Larrosa Bondía, fundamentais para pensar arte a partir de seu potencial reflexivo e sensível, não como entretenimento.

Palavras-chave: Arte-educação. Formação cultural. Educação não formal. Santo André/SP.

Abstract: This manuscript results from a survey carried out in the city of Santo André/SP, between 2019 and 2020. The study aimed to map artistic works offered in the city, considering the four mandatory languages present in the Law of Directives and Bases of National Education (No. 9,394/1996): dance, theater, music, and visual arts. Our interest was to analyze how these languages are presented to children in cultural facilities and non-formal education. These are spaces that manage to expand knowledge about the arts, in addition to fostering the habit of artistic appreciation - as is the case with Sesc Santo André, especially for maintaining regularity in presentations. To support our study, we used authors such as Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg and Jorge Larrosa Bondía. They are fundamental for thinking about art from its reflective and sensitive potential, not as entertainment.

Keywords: Art-education. Cultural formation. Non-formal education. Santo André/SP.

^a Graduanda em Pedagogia pela Estácio de Santo André. E-mail: kamila.lopes@galache.com.br

^b Graduanda em Pedagogia pela Estácio de Santo André. E-mail: raquelalvesrodrigues1602@gmail.com

^c Doutorado (2017) e Mestrado (2013) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Graduação em Comunicação das Artes do Corpo (2008) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com habilitação em dança e performance, e Graduação em Pedagogia (2013) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é docente de graduação na Faculdade Estácio de Santo André e na pós-graduação da PUC/SP, no curso de Especialização na Técnica Klauss Vianna. E-mail: virginia_lais@yahoo.com.br

Introdução

O presente artigo é resultado de uma pesquisa realizada entre agosto de 2019 e julho de 2020, na cidade de Santo André/SP. Algumas inquietações desenharam o projeto: primeiramente, identificar as atividades artísticas oferecidas no município, a fim de pensar se há preponderância entre as artes. Além disso, estávamos interessadas em refletir sobre experiências artísticas em equipamentos culturais, fora do ambiente da educação formal, por acreditar que são fundamentais para despertar interesse nas crianças pelas artes.

Iniciamos nossa pesquisa com um levantamento histórico das artes no Brasil, reconhecendo tratar-se de um conteúdo que passou por diversas modificações ao longo dos séculos. O início do ensino de Arte¹ no país é marcado pelo elitismo e pela valorização do desenho e da pintura, ao passo que as artes corporais foram negligenciadas. Parece-nos importante retomar esse percurso porque auxilia a compreender resquícios de um pensamento sobre arte ainda presente entre nós.

Outro ponto que cabe ressaltar é nosso entendimento sobre arte, trabalhada aqui como forma de conhecimento e não como entretenimento ou objeto ligado à representação de beleza, simetria ou refinamento. Interessa-nos a arte que pode mobilizar reflexões e que dialoga com o público de maneira mais ampliada, e não valorar e apartar obras como belas ou não. Segundo Jorge Albuquerque Vieira (2009), as pessoas olham as artes como se fossem uma espécie de luxo intelectual e é possível considerar que isso se dê, entre outros motivos, pela imponência de alguns lugares que oferecem arte e pelo pouco investimento por parte do governo em ações artísticas.

Com isso em mente, delimitamos quatro espaços a serem visitados e que atuariam como exemplos do que a cidade de Santo André oferece em termos artísticos aos moradores: Casa da Palavra Mário Quintana, Teatro Municipal Maestro Flavio Florence, Biblioteca Municipal Nair Lacerda e Sesc Santo André.

Neste artigo, optamos por comentar apenas o Sesc Santo André, principalmente por ser este um espaço que consegue manter a frequência e diversidade de alternativas artísticas ao público. Ainda que a narrativa comporte uma abertura e que a amostra contemple parte das experiências artísticas que acontecem na cidade, acreditamos ter conseguido reunir um exemplar significativo do que tem sido ofertado.

Durante alguns meses, assistimos atividades artísticas no Sesc, particularmente as destinadas ao público infantil. A partir dos materiais de divulgação, das observações em nossa pesquisa de campo e de referencial bibliográfico abordando arte e educação, refletimos sobre o oferecimento das artes em Santo André e o quanto merece atenção, principalmente por parte do poder público.

(Des)caminhos da Arte no Brasil

Autores, como Ana Mae Barbosa (2016), são essenciais para que possamos compreender aspectos históricos da instauração do ensino de Arte em nosso país e as possíveis consequências para essa disciplina no século XXI. A respeito das discussões propostas por Barbosa, alguns pontos nos parecem mais relevantes nesse momento: a natureza técnica e a predominância de algumas linguagens artísticas.

Ainda hoje, é comum depararmo-nos com práticas discursivas que indicam que a disciplina de Arte nas escolas é pensada e utilizada mais como recurso para os conteúdos de outras disciplinas, do que entendida como um conhecimento em si. Tratada como uma

¹ Utilizamos Arte para área curricular e arte(s) para os demais casos.

disciplina subserviente e direcionada para outros fins, reforça-se o estereótipo de sua desimportância. Com isso, é retirada da disciplina de Arte a possibilidade de conduzir a novos meios de pensar por caminhos mais sensíveis e críticos, ignorando seu potencial como uma das maneiras de construção do conhecimento.

Parece-nos importante lembrar que o início do ensino de Arte no Brasil foi bastante elitista, campo no qual apenas algumas pessoas poderiam ingressar. Segundo Barbosa (2016), a instauração de um ensino das artes no país, no século XIX, começou com a chegada de artistas europeus, os quais se dedicavam principalmente à pintura e ao desenho. Ainda que se deva reconhecer a relevância de tal iniciativa para a estruturação didática e metodológica do ensino de Arte, até então inexistente, é importante pensar as consequências de um modelo ainda em vigor entre nós.

Há, no senso comum, um maior apreço pelas artes clássicas, assim como o reconhecimento como objeto artístico dos que melhor aderem à simetria, precisão e a um certo entendimento de beleza. Essas são características que delineiam o que se entende por arte, que prioriza uma pintura europeia, ao passo que repele obras contemporâneas ou artes corporais brasileiras. Valorizamos modelos estrangeiros - em geral de países como Estados Unidos, Inglaterra e França -, (BARBOSA, 2016) em detrimento do que se produz no Brasil. Por isso é tão importante que a legislação brasileira explicita o que deve ser incorporado nas escolas.

Desde 1996, temos quatro linguagens descritas como obrigatórias na disciplina de Arte e trabalhadas na Educação Básica: artes visuais, música, dança e teatro. Para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº9.394/1996), art. 26, é crucial que os alunos tenham contato com todas. O artigo citado reitera a necessidade de se pensar as expressões regionais (o que não significa um abandono ou desqualificação do que é feito em outros países), e sinaliza que o ensino de Arte não deve ser restrito ao desenho ou artes visuais, devendo englobar as artes corporais, por exemplo.

A apreciação das artes nem sempre é ação trivial e, por isso, acreditamos ser essencial possibilitar esse saber desde a infância. Trata-se de um despertar que algumas vezes ocorre apenas tardiamente, não pela incapacidade do olhar, mas pela ausência do hábito em atentarmos aos detalhes ou insegurança para formular reflexões sobre as obras. Na escola, muitos não são ensinados a olhar pelo viés poético, o que pode deixar traços em nossa relação posterior com o mundo.

O olhar adultocêntrico é treinado para captar informações e parece menos liberado para devaneios. Nos habituamos a ler superficialmente, mas isso difere de construir uma percepção sensível. Soma-se a isso o fato de que a arte ainda não é compreendida como forma de conhecimento, como uma maneira de pensar e apreender o mundo. Assim, seria improvável reconhecer produções artísticas presentes no cotidiano, já que o imaginário social nos indica que a arte deve estar em espaços como museus – o que dificulta o reconhecimento de uma obra da arte urbana, por exemplo.

O dia a dia é tão cinza que esquecemos de olhar para o colorido, para a beleza escrita nas entrelinhas das pequenas produções artísticas presentes em nosso cotidiano. Não ouvimos o som de um pássaro em meio às buzinas de um cruzamento ao meio-dia ou a poesia de suas cores: se vivêssemos e ouvíssemos mais, certamente nos encantariamos com as pequenas coisas da vida. Rubem Alves, em sua coluna no jornal *Folha de S. Paulo*, disse que

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake sabia disso e afirmou: “A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê (ALVES, 2004, s/p).

Alves fala sobre “ganhar olhos de poeta” para que possamos, a partir da experiência, reparar mais na arte e conhecê-la melhor. Para quem convive com crianças, isso aparece em diversos momentos. A criança vê um mundo novo, muitas vezes tendo contato pela primeira vez com cores, texturas, formas. Além disso, a capacidade de imaginar também gera novas leituras: o jardim não é apenas um jardim, mas uma floresta, que ganha vida com animais muitas vezes inexistentes no mundo real.

Para muitas crianças, o primeiro contato com obras de arte se dá a partir das propostas escolares, e manter essas ações em parceria com equipamentos culturais parece essencial não apenas para a valorização, mas também para a formação de público para as artes. É preciso abranger campos mais amplos de conhecimento, explorar teorias e práticas transdisciplinares, refinar nosso senso crítico. Ao ter contato com novas experiências no campo das artes, abrimos outras possibilidades perceptuais, a partir de uma perspectiva do sensível, desconstruindo padrões que limitam nossas leituras ao trivial.

A arte é muito ampla e há infinitas possibilidades de trabalhar esse conteúdo em sala de aula. Dizer que o educador precisa estar familiarizado com o campo para conseguir trabalhar a disciplina com seus alunos não significa transformar educadores em artistas, conforme discorre Rosa Iavelberg (2016). Entretanto, pensamos no quanto o hábito de apreciar arte, por parte do educador, pode auxiliar a quebrar possíveis barreiras que impedem que a arte esteja presente em nossas escolas.

Tal aperfeiçoamento pode ocorrer em cursos presenciais ou a distância, de extensão, especialização ou em outras modalidades como encontros, palestras, seminários, simpósios etc. É interessante que a formação continuada possa ser realizada de modo permanente nas próprias escolas ou redes escolares, reunindo professores, gestores e formadores em uma perspectiva de investigação e pesquisa sobre e nas práticas, sempre articuladas a bases teóricas (IAVELBERG, 2016, p. 83).

Barbosa (2020) discute que um currículo bem elaborado pode dar um largo espaço para as artes, ampliando a cultura dos alunos e dos professores, sem desvalorizar a bagagem que trazem consigo. Ao apresentar um programa de formação de educadores da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) destinado aos professores que atuarão no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a autora comenta o quanto as atividades externas constituíam o currículo:

[...] 20 horas de atividades culturais, que significavam ir a espetáculos teatrais e de dança, ver exposições, assistir a vídeos, ir a museus, etc., tudo programado em conjunto com professores, levando a discussões em grupo posteriormente. Outras 20 horas eram dedicadas ao fazer artístico através de três oficinas, entre as quais se dividiam os 60 alunos. Foi um programa de contornos pós-modernos por integrar o fazer artístico e a recepção da obra de arte, a produção e a crítica no ensino das Artes. (BARBOSA, 2020, p. 19).

Em diversos cursos de graduação no Brasil os discentes cumprem uma carga horária de atividades complementares, como visitação ou participação em experiências e eventos artísticos ou culturais. Estas atividades complementam a formação do futuro pedagogo, pois apresentam outras possibilidades estéticas que nem sempre são presentes em seu contexto. Algumas escolas também propõem visitas a museus ou teatros, o que amplia o repertório dos educandos e pode servir como iniciação de novos hábitos.

Ao docente cabe equilibrar o processo de possibilitar a livre expressão do aluno e desenvolver sua criatividade. Com isso, pensamos que não se trata de conhecimentos técnicos ou teóricos a serem simplesmente transmitidos aos alunos, mas da capacidade de problematizar

as obras, de ampliar a leitura das crianças, gerando não apenas uma compreensão comum a respeito de arte, mas também incorporando as singularidades explicitadas a partir da leitura e do contexto ímpar dos alunos. Para Milene Chiovatto (2011, p. 2),

O professor não é um “vaso”, um receptáculo repleto de informações e conhecimentos a serem dali retirados e dados aos alunos. O professor é um ser pensante e de ação. Através da reflexão e da ação, deve ser capaz de estabelecer ligações entre os conteúdos a serem transmitidos e as demandas e necessidades do processo educativo pelo qual passam seus alunos, suas respostas em relação ao assunto tratado e, na soma disso tudo, reavaliar suas próprias opiniões. Estabelecer ligações, sem impor uma determinada “verdade”, é o aspecto mais delicado da tarefa docente.

Nesse momento, cabe convocar um importante pesquisador que aborda as diferenças entre experiência e informação, o que nos auxilia a rever se estamos atuando no sentido de criar possibilidades de aprendizado ou apenas reproduzindo conteúdo a ser memorizado pelos alunos. Jorge Larrosa Bondía (2002) reflete sobre como estamos cada dia mais distantes da experiência. Para ele, a verdadeira experiência requer

Parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo, da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

A conceituação de experiência, proposta por Bondía, nos parece interessante para sustentar um outro modo de se relacionar com as artes e o trabalho em sala de aula. Ao pensarmos em arte a partir da perspectiva da experiência, levamos em consideração as singularidades e interesses da criança, possibilitando que cada uma apresente a sua visão de mundo.

O ensino de Arte em muitas escolas, mesmo nos dias de hoje, ainda demonstra um caráter decorativo e de reprodução de modelos. Assim, visando reverter essas práticas que pouco podem elevar o trabalho pedagógico, reforçamos a importância de o professor atuar como um mediador no ensino, estimulando as crianças a usarem outros materiais, novas texturas, apreciar a diversidade estética e cultural, proporcionando situações favoráveis para a criatividade e a continuidade do desenvolvimento individual. Em teoria, já sabemos sobre a urgência em abolir o desenho livre ou as cópias impressas de figuras para colorir, mas essas são práticas ainda presentes no ensino.

É preciso reaprender a olhar e a construir novas formas de se relacionar com o mundo. Acreditamos que a arte não é algo dado, mas há a necessidade de que o professor consiga fomentar a percepção sensível do aluno. Propor um direcionamento significa abrir para que os alunos façam suas próprias leituras – o que não pode ser confundido com encerrar um tema em uma única narrativa.

O papel de fomentar a leitura se faz presente em diferentes atores sociais: no educador do museu, no professor, na própria família. O que ressaltamos é o quanto esse cuidado, ao orientar caminhos sem encerrá-los em apenas um ponto de chegada, parece essencial para abrir novos horizontes aos alunos. Nessa perspectiva, a experiência em um museu não se restringe ao que foi visto em suas paredes e reconhecido como obra de arte, mas envolve tudo aquilo que perpassa os alunos antes e depois do museu, as relações que estabelecem com o mundo ao redor e como compreendem a arte em suas vidas.

O sentido de manter a percepção alerta para conviver com diferentes linguagens artísticas passa pela criação do hábito e pela revisitação da arte para cada um. É uma construção que não pode ser proposta de maneira verticalizada e obrigatória, muito menos a partir de valorações que ignoram as expressões e interesses dos alunos. Assim, o que nos parece importante é retomar a relevância do papel dos educadores (sejam eles da educação formal ou não) para garantir a presença da arte na vida das crianças, e reafirmar que esses profissionais são capazes de inspirar ao construir momentos que realmente proporcionam novas experiências, olhares, sentimentos, reflexões. Ao falar sobre o cruzamento de saberes da educação formal e da não formal, Maria da Gloria Gohn (2016, p. 65-66) diz que,

Entende-se a educação não formal como aquela voltada para o ser humano como um todo, cidadão do mundo, homens e mulheres. Sob hipótese alguma, ela substitui ou compete com a educação formal, escolar. Poderá ajudar na complementação desta última, via programações específicas, articulando escola e comunidade educativa localizada no território de entorno da escola. A educação não formal tem alguns de seus objetivos próximos da educação formal, como a formação de um cidadão pleno, mas tem também a possibilidade de desenvolver alguns objetivos que lhes são específicos [...]

Experiências artísticas na cidade: um estudo sobre o Sesc Santo André

O Serviço Social do Comércio (Sesc) é uma entidade privada, fundada em 1946, mantida por empresários, inicialmente visando oferecer atividades educativas e culturais aos comerciários e suas famílias – expandindo posteriormente a oferta a outros segmentos da população. Atualmente, possui unidades em todo o país, algumas mais voltadas ao turismo, outras às artes ou aos esportes. Apenas na Grande São Paulo são 23 unidades, o que nos ajuda a ter a dimensão da instituição. A unidade de Santo André existe desde 2002, e se constituiu como importante equipamento cultural.

Ao iniciarmos nossa pesquisa, um dos primeiros elementos observados foi a divulgação. Percebemos que o Sesc Santo André utilizava redes sociais, o próprio *website*, além de revistas com a programação de toda a rede paulista, distribuídas gratuitamente nas unidades. Entendemos que há um público que acompanha as atividades por esses meios e já é frequentador assíduo do local.

O Sesc desempenha um papel fundamental na cidade de Santo André, especialmente por manter um cronograma contínuo de espetáculos e atividades artísticas. Aos domingos, sempre às 12h, acontecem espetáculos de teatro ou dança para o público infantil. A mesma lógica se aplica aos shows musicais às quintas-feiras, às 20h, e aos eventos no sábado à tarde, que em geral são contação de histórias ou danças no saguão do prédio. Essa agenda de atividades nos parece interessante por criar uma rotina para os usuários do Sesc. Ainda que não estejam informados sobre os detalhes do trabalho a ser exibido, há como assumir que, em dias e horários específicos, determinada linguagem será ofertada.

Ao observar a circulação de pessoas pelas dependências do Sesc, notamos que muitos frequentadores estavam no local por outros motivos – como uso da piscina. Porém, uma vez presentes e tomando conhecimento de que alguma atividade teria início, acabavam mudando seus planos e abrindo espaço para assistir a um espetáculo. Pelo fato de oferecer opções distintas de lazer e cultura, o equipamento consegue agregar um grande número de pessoas, sendo que, em diversas ocasiões, elas pareceram disponíveis para permanecer um tempo maior na unidade e participar de uma segunda atividade.

O Sesc costuma vender seus ingressos a preços acessíveis, porém cabe ressaltar que há diversas atividades gratuitas. No caso dos espetáculos aos domingos, soubemos que vários

tiveram a venda antecipada de ingressos pela internet, mas que, momentos antes do início dos espetáculos, também receberam frequentadores que estavam, inicialmente, no saguão. A presença física dos funcionários do espaço é crucial nesses momentos, pois visa fomentar o interesse dos transeuntes para as ações.

Como nos lembra José Carlos Libâneo (2010, p. 55) “o trabalho pedagógico não se reduz ao trabalho escolar e docente”. Assim, parece fundamental a presença dos mediadores das exposições que acontecem no saguão. São educadores atentos e disponíveis para iniciar a apresentação das obras e que, conseqüentemente, podem cativar para uma experiência artística aquele que buscava outra opção de atividade. Importante destacar o papel dos mediadores, pois são os indivíduos capazes de aproximar público e obra, ao interagirem explorando os conhecimentos trazidos pelo espectador, ao mesmo tempo em que ampliam essas leituras. Todavia, há o cuidado em não formatar o que deve ser experienciado, como se houvesse apenas uma maneira de pensar a obra, em uma única direção e sem dar chances para aberturas e desvios.

Para Thiago Consiglio (2018, p. 248), “[...] o desvio é uma leitura forte que se apropria do conteúdo dado, portanto, não é submissa. Esse desvio, (é) também uma abertura [...]”. Ao contrário do que se poderia pensar, essa leitura singular que escapa da mais recorrente não deve ser compreendida como um problema, mas como possibilidade. Kelly Teixeira, ao discutir as práticas de mediação propostas pelo SESC, acredita que esse espaço acaba

[...] legitimando-se como uma instituição socioeducativa e vinculando esse conceito ao primado da cidadania e ao valor da diversidade. O diverso, nesse caso, explicita-se não só nas inúmeras áreas do conhecimento em que a entidade atua, mas também na multiplicidade de agentes mediadores que abrange profissionais, materiais e espaços adequados, além do diálogo com os públicos heterogêneos (TEIXEIRA, 2018, p. 79).

Para que isso aconteça, é importante que se considere educação e cultura como intrínsecos desse espaço e do que é oferecido por ele. Não cabe pensar em atividades fragmentadas, mas reconhecer que há um modo enredado de trabalhar, de forma a garantir que os processos culturais e educativos estejam sempre permeando as atividades. Teixeira (2018) atribui isto ao fato de o SESC pensar em educação como um processo permanente, não apenas em ações pontuais e isoladas. Além disso, também é bem-sucedido por visar experiências que não estão concentradas apenas em locais específicos (como os teatros), mas que se espalham em diferentes contextos e entre sujeitos distintos. Em suas palavras:

As ações educativas, assim, fazem sentido quando imersas no processo social. Essa abertura para o mundo se reflete na preferência pelo diálogo e pela construção coletiva de conhecimentos. A educação permanente se efetiva em três dimensões principais: a complementaridade em relação à educação formal; a continuidade, ou seja, para além da idade escolar, estendendo-se por toda a vida; e a não formalidade, quando evoca o caráter espontâneo e vivencial da educação permanente, sugerindo proposições potencialmente críticas e inovadoras (TEIXEIRA, 2018, p. 81).

Ao pensar em ações artísticas, podemos citar alguns dos trabalhos infantis, assistidos aos domingos, como *Inimigos* (da Cia. De Efeitos), *Buraco* (de Elisabete Finger), *A Princesa Falalinda sem papas na língua* (da O trem Companhia de Teatro) e *Mary e os monstros marinhos* (da Cia. Delas de Teatro). Tendo em vista o foco proposto – o caráter pedagógico e a formação de público para as artes em Santo André –, parece-nos relevante salientar que os trabalhos referidos tinham em comum críticas ao modelo de sociedade que se impõe a nós. Alguns traziam temáticas feministas para o palco, questionando, por exemplo, a proibição de

determinadas funções ou profissões para mulheres. Ou, ainda, uma discussão a respeito da diversidade e tolerância, do quanto conseguimos respeitar opiniões distintas ou se apenas rotulamos pessoas como ameaçadoras e as afastamos do convívio social.

É interessante notar que, embora fizessem parte da programação infantil, os trabalhos atraíam tanto crianças como adultos, e conseguiam abordar questões significativas para ambos. Foram mencionadas questões políticas e acontecimentos atuais em vários espetáculos e acreditamos ser essencial discutirmos tais temáticas com as crianças. Por meio da arte, os artistas têm a possibilidade de dialogar com o público e podem apresentar perspectivas distintas dos meios de comunicação de massa ou do senso comum.

Ao propor que temas como esses estejam na programação infantil, o Sesc demonstra atenção aos problemas sociais e amplia debates, nem sempre possibilitados em outros contextos (como na escola ou na família). Diferentemente da lógica do entretenimento ou da busca apenas por sucessos de bilheteria, o Sesc, ao menos em Santo André, aparece como uma ótima opção para o fomento das artes e o faz de forma reflexiva, não decorativa.

Abaixo, apresentamos as atividades oferecidas pelo Sesc Santo André a partir de agosto de 2019. Nosso objetivo inicial era acompanhar a programação durante um ano, porém, a imposição de isolamento social, em virtude da pandemia de Covid-19, levou ao fechamento das unidades do Sesc, e diversas atividades foram canceladas. Apesar disso, quando olhamos para o quadro, nota-se o grande número de ações ofertadas ao longo dos meses de acompanhamento da programação.

Tabela 1 – Distribuição de atividades oferecidas pelo Sesc Santo André

PERÍODO	MÚSICA	ARTES VISUAIS	TEATRO	DANÇA
AGOSTO/2019	12	2	1	14
SETEMBRO/ 2019	9	2	1	7
OUTUBRO/2019	13	2	2	1
NOVEMBRO/ 2019	9	2	2	3
DEZEMBRO/ 2019	12	2	1	6
JANEIRO/2020	12	1	2	0
FEVEREIRO/ 2020	11	2	1	9

Fonte: elaborado pelas autoras a partir de informações disponibilizadas no *website* e revistas da Instituição.

Vale salientar que apenas uma análise quantitativa seria insuficiente para a tabela acima. Se tomarmos como exemplo o teatro, nota-se que aparece apenas 1 espetáculo/companhia em alguns meses. Contudo ele tem importante papel como aglutinador de público, atraindo espectadores que são frequentes ao longo dos meses. Cabe lembrar ainda que as companhias de teatro fazem ocupações mensais, razão pela qual não se pode entender como apenas uma apresentação ao mês, já que os espetáculos são apresentados todo domingo e, alguns deles, reapresentados em outros dias da semana ou outros horários. Ou seja, o número 1 na tabela indica que uma companhia esteve no Sesc durante determinado mês, mas em geral os espetáculos são reapresentados no mínimo 4 vezes (todos os domingos do mês de ocupação da companhia).

Também ressaltamos a grande quantidade de atividades em alguns meses, como o caso de dança no mês de agosto. Isso se dá em razão do Festival ABC Dança, realizado entre os dias 2 e 11 de agosto de 2019, e que teve o Sesc como um de seus parceiros, sediando muitas apresentações. Também existe a dificuldade em definir atividades como sendo de música ou dança no mês de fevereiro de 2020. No referido mês o Sesc propôs atividades que introduziram o clima carnavalesco, feriado comemorado no dia 05/03/2020. Assim, os shows não foram restritos à musicalidade, mas também abrangeram manifestações corporais e culturais.

Outro ponto notável é que, na Tabela 1, não há apenas trabalhos identificados como espetáculos, mas intervenções e oficinas, assim como não há também um recorte por faixa etária. O que a Tabela elucida é que há a oferta de diferentes linguagens artísticas, porém o formato da apresentação ou experiência pode variar. O fato de nem tudo ocorrer nas dependências do teatro pode atrair outros espectadores, pessoas que visitavam o Sesc por outros motivos, mas que acabam sendo convidadas a participar da atividade no saguão, por exemplo. Segundo a funcionária do SESC, Isabela Dias Benassi Carvalho, que respondeu nossas dúvidas por meio de uma entrevista *on-line*, em 21/07/2020,

O teatro do Sesc Santo André conta com 302 lugares. Os espetáculos infantis possuem uma média de 40 a 60 ingressos por espetáculo. Em contrapartida, os espetáculos de circo que ocorrem na área de convivência (e que são gratuitos), já tiveram mais de 500 pessoas na plateia.

Pensando em formação de público e na necessidade de continuidade das atividades, o que se explicita nessa Tabela é o comprometimento do Sesc em manter mensalmente o oferecimento de experiências artísticas aos frequentadores. Como podemos notar, não há meses ou linguagens esquecidas (todas são contempladas). A mesma postura pode ser observada ao longo do período de isolamento social, já que no perfil do Instagram @sescaovivo conseguimos acompanhar apresentações de diversas linguagens artísticas. Há um cronograma que ajuda o público a definir aquilo que pretende assistir, pois cada atividade aparece fixa em um dia da semana. A dança tem sido apresentada às terças e quintas às 21h30 e os espetáculos infantis aos sábados às 12h. Ainda que esse formato remoto tenha uma natureza bastante distinta do presencial e que algumas linguagens podem estar sendo mais negligenciadas nesse formato, há que se reconhecer o trabalho indispensável do Sesc, especialmente por se tratar de um momento em que muitas pessoas estão em casa e a arte pode ser facilitadora na conexão com o outro.

Considerações Finais

Possivelmente, um dos dificultadores para a exploração das artes na escola resulta do fato de que o entendimento da disciplina ainda é relacionado a um certo padrão estético, que define obras como belas ou não. Outro diz respeito a considerar que apenas atividades legitimadas como artísticas podem ser consideradas como tal - como uma visita a um museu -, o que desconsidera a arte na vida cotidiana e em manifestações mais triviais.

Durante esses meses de pesquisa, o Sesc Santo André se reafirmou como importante equipamento cultural da cidade, sendo um ambiente que oferece uma programação acessível em termos financeiros, com divulgação disponibilizada em meios eletrônicos, além de explorar a variação nas atividades artísticas. Sabe-se que a formação de público para as artes não é uma tarefa banal, pois depende de um trabalho em muitas frentes (desde os cuidados para que a programação chegue aos moradores, mobilizando-os a ponto de criar interesse e deslocamento até o equipamento cultural, até barreiras simbólicas que separam os apreciadores de arte daqueles que se sentem leigos e, portanto, menos autorizados a participar desses espaços).

No caso do Sesc, percebe-se um público cativo, que circula pelo espaço independentemente da atividade oferecida no dia – o que pode auxiliar muito em termos de frequência dos espectadores nos trabalhos. Não menos relevante é o fato de se tratar de uma instituição com mais de 70 anos de existência, e que compreende os caminhos para construir ações educativas para seu público. Ao oferecer visitas mediadas e manter uma grade de atividades ininterruptas, o espaço garante que as artes estejam sempre à disposição dos andreenses. Mesmo reconhecendo que novas estratégias possam ser pensadas, visando trazer

para o local aqueles que ainda estão distanciados, não se pode menosprezar o já alcançado pelo Sesc.

Pensando nas crianças que passam pelo local e podem ter contato com inúmeras atividades, é possível afirmar que essas ações estão contribuindo com a formação de um grande número de futuros apreciadores das artes. Na escola, o ensino de Arte nem sempre é focado em diálogo ou a disciplina entendida como forma de conhecimento, sendo muitas vezes, ainda hoje, apresentada a partir de aspectos técnicos e pautados por ideais de beleza. Ao olhar de outra maneira para as experiências artísticas, valorizando o processo de criação e possibilitando o debate, temos uma geração crescendo com perspectivas distintas de cognição, imaginação e percepção.

Ao estudarmos História da Arte e seu ensino na educação formal, fica evidente o quanto ela é importante para o docente e para o aluno. É um modo mais sensível de ler o mundo, que viabiliza críticas no lugar de buscar verdades, e que precisa ter seu espaço garantido entre as crianças. Apreciar arte é um hábito. Podemos ser ensinados a gostar de arte na escola, nos equipamentos culturais ou na família, e trata-se de um conhecimento que segue sempre em expansão, sem nunca chegar a um fim, e que nos instiga a, cada vez mais, ampliar nosso repertório e seguir arriscando novas leituras. A arte nos ajuda a conhecer a visão do outro, a olhar de modo criativo para aquilo que poderia ser apenas trivial e, sobretudo, a vislumbrar outros mundos possíveis.

Referências

ALVES, RUBEM. A complicada arte de ver. **Folha de S. Paulo**, 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>. Acesso em: 6 ago. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. Notas sobre as histórias da democratização do ensino da Arte. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 14-22, jan./abr. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. Síntese da Arte-Educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras. **Polyphonia**, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 19-39, jul./dez. 2016.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, abr. 2002.

BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Senado Federal, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 13 ago. 2020.

CHIOVATTO, Milene. O professor mediador. In: HELGUERA, Pablo (org.). **Mediação – traçando território**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

CONSIGLIO, Thiago. Perspectivas da educação nos museus de artes: tradução e leitura. In: TOJO, Joselaine; AMARAL, Lilian (org.). **Rede de Redes** [recurso eletrônico] – diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/redederedes/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

GOHN, Maria da Gloria. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**. Chapecó, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016.

IABELBERG, ROSA. O professor em foco na arte-educação contemporânea. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 82-95, jan./abr. 2016.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SESC. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

TEIXEIRA, Kelly Cecilia. Um olhar para a Mediação Cultural no Sesc São Paulo. In: TOJO, Joselaine; AMARAL, Lilian (org.). **Rede de Redes** [recurso eletrônico] – diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/redederedes/>. Acesso em: 29 jul. 2020.

VIEIRA, JORGE A; RAY, Sonia. Teoria do conhecimento e arte. **Revista Música Hodie**, Goiânia, v. 9, n. 2, p. 11-24, 2009.